DOIS IRMÃOS: história e ficção – o pós-ciclo da borracha na obra de Milton Hatoum[1]

Joelson Nobre de Lima[2]

Resumo: Este artigo tem por objetivo contextualizar os elementos histórico-sociais presentes na obra *Dois irmãos*, escrito em 2000 pelo autor amazonense Milton Hatoum. Assim realizaremos uma discussão em relação à confluência entre literatura, história e sociedade, na qual utilizaremos o apoio teórico de críticos como Antonio Candido, Nelly Novaes Coelho, Lucien Goldmman, Jean-Yves Tadié, entre outros. Também realizaremos uma análise histórica desde o descobrimento e colonização da Amazônia até a queda do ciclo da borracha na região, na qual apresentaremos elementos históricos que se fazem representar no romance hatouniano, essa análise terá como suporte autores como Neide Gondim, Márcio Souza, Lucilene Gomes e Emmanoel Gomes da Silva. Ao final da pesquisa será perceptível a ligação dos elementos histórico-sociais dentro da obra de Hatoum ao contrapormos a sociedade manauara do final do século XIX e meados do século XX, período no qual é romance é contextualizado.

Palavras-chave: *Dois Irmãos*, História, Sociedade, pós-ciclo da borracha na Amazônia.

Abstract: This article aims to contextualize the historical- social elements present in the work Two brothers written in 2000 by Amazon author Milton Hatoum .We will to realize a discussion in relation the confluence between literature , history and society, which we use the support as critical theorist Antonio Candido , Nelly Novaes Coelho , Lucien Goldmman , Jean - Yves Tadie , among others . we will to realize too, a historical analysis from the discovery and colonization of the Amazon until the fall of the rubber boom in the region , in which we will present historical elements that are represented in the novel hatouniano , this analysis will support authors like Neide Gondim , Márcio Souza , Lucilene Gomes da Silva, Emmanoel Gomes da Silva . At the end of the survey will be noticeable connection of historical- social elements within the work of the Hatoum to oppose manauara society of the late nineteenth and mid-twentieth century , a period in which it is novel is contextualized.

Key-words: *Two brothers*, History, Society, after-cicle rubber in the Amazônia.

1. Introdução

O presente trabalho se fundamenta na contextualização dos elementos histórico-sociais presentes na obra, *Dois irmãos*, Milton Hatoum. Primeiramente, será feita a inter-relação da literatura com a sociedade, usando teorias de críticos literários como Antonio Candido, Tadié, Lucien Goldmman, Boccini e Osana, dentre outros, para apresentarmos quais as contribuições da literatura para a sociedade e logo, qual a relevância do autor nessa relação. Por conseguinte

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da professora Mestra Joanna da Silva, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), também sob a coordenação da professora Joanna da Silva, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmico finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/UFAM.

será feito um levantamento histórico desde a primeira inserção do “homem branco” na Amazônia, uma vez que, o trabalho terá como principal elemento histórico, o “descobrimento” da Amazônia até a “queda” do ciclo da borracha, sendo esse o elemento norteador desta pesquisa na análise da obra.

A obra enreda a história de uma família descendente de libaneses, que vivem um intenso drama familiar, tendo como centro o clima de rivalidade e ódio, de dois irmãos gêmeos, Yaqub e Omar, filhos de Halim e Zana, o principal motivo dessa dualidade, é a “preferência” que Zana tem pelo filho “caçula”, Omar, e a “rejeição” que tem pelo outro gêmeo Yaqub. A história é narrada pelo narrador-personagem Nael que, é filho da empregada indígena Domingas, supostamente com um dos gêmeos, esse é outro drama apresentado na obra, a busca de Nael pela identidade paterna.

No decorrer da narrativa o autor utiliza como “plano de fundo” a cidade de Manaus, no período pós-ciclo da borracha, apresentando uma cidade decadente que, vivera tempos “glamorosos” no apogeu do ciclo de exploração da borracha. No romance hatouniano Manaus é descrita a partir de sua decadência, com seus problemas demográficos e estruturais, num cenário de miséria e penúria, sendo esse o principal objetivo de estudo desse trabalho, a contextualização histórico-social da sociedade manauara no período pós-ciclo da borracha na obra, *Dois irmãos*.

A metodologia tem como base uma análise de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que contempla os ensinos de Antonio Candido, Lucien Goldmman, Boccini e Osana e Tadié que falam sobre as relações da sociedade e literatura na transformação do elemento externo em elemento interno na obra literária, e de Márcio Souza, Neide Gondim, Lucilene Gomes, Emmanoel Gomes da Silva e Arthur Cezar Ferreira Reis, que tratarão do levantamento histórico da Amazônia, da sua “invenção” ao período de “queda” e derrocada ocasionada pelo final do ciclo econômico de exploração e exportação da borracha, em confluência com período de guerra e pós-guerra, compreendidos entre o período de 1945 a 1960.

2. Literatura e Sociedade

2.1 As relações e representações da sociedade na literatura.

A literatura é uma expressão artística e cultural cuja função não é apenas fornecer entretenimento ao leitor, mas também oferecer conhecimento de um mundo real ou

imagístico. Ela representa a forma de viver das pessoas num determinado contexto social, tornando-a assim, um dos principais veículos de informações das relações sócio-culturais de um povo ou comunidade. Segundo Nelly Novaes Coelho, “Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo” (NOVAES, 2009, p.16).

É possível afirmar que uma das principais funções da literatura é de atribuir ao ser humano um conhecimento de mundo e também impor valores e padrões sociais através da ficção e da forma estética, concomitante atrelada ao caráter ideológico. Ainda de acordo com Nelly Novaes.

> [...] desde as origens, a literatura parece ligada a essa função essencial: *atuar sobre as mentes*, nas quais decidem as vontades ou ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, *transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida*, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. (COELHO, 2009, p.29).

Nesses termos, a obra literária tem por objetivo levar ao público leitor uma produção artística rica e eficaz. Voltada à construção do conhecimento por meio da manifestação estética e ideológicas relações históricas, sociais, políticos e culturais em voga.

A criação e produção literária, segundo Boccini e Osana (2003) sofreram várias conceituações ao longo do seu percurso na história. No século XV ela representava uma leitura de caráter intelectual no campo erudito-científico, voltada apenas para uma classe privilegiada, a burguesia. Na primeira parte do século XVIII foi tida como uma leitura de “gosto” ou “sensibilidade” e a partir das três primeiras décadas deste século, ela foi incorporando um sentido de fenômeno estético e de produção artística.

Diante de tais conceitos, surge uma nova abordagem para a literatura, contrapondo-a aos textos de cunhos científicos, este último conceito está relacionado à inserção dos textos literários ao processo crítico do criador, a sua experiência e convivência histórico-cultural. Para BOCCINI e OSANA,

> [a] *literatura*, enquanto textos de caráter “imaginativo” ou “criativo”, tem sua contrapartida num fenômeno também correlato ao desenvolvimento da sociedade capitalista: a necessidade de desafiar as formas repressivas da nova ordem social através do argumento da criatividade humana. Assim, dar vazão a textos criativos ou através dessa consciência imaginativa era uma forma de contrapor-se às novas formas de relações humanas marcadas pela ética da produção, pela dissolução da vida social em práticas exclusivamente marcadas pelo trabalho (2003, p.21).

Dado esse papel à literatura de caráter “imaginativo” e “criativo”, relacionando-a ao desenvolvimento da sociedade, podemos fazer essa relação entre literatura e sociedade como fatores que se interligam diretamente numa obra literária. A sociedade tem um papel representativo nas obras literárias, uma vez que História e Literatura encontram-se diretamente vinculadas ao convívio social, seja de maneira “externa” ou “interna”, como nos afirma Antonio Candido: “Sabemos, ainda, que o externo (no caso, social) importa, não como causa, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.” (CANDIDO,2000, p. 06). Na opinião deste crítico, a sociedade apresenta-se como um fator externo na obra, ou seja, não sendo a causadora do enredo da narrativa, mas sim como um elemento que constitui a estrutura desse enredo, assim, internalizando-a.Podemos ainda compreender, por meio das palavras de Marisa Corrêa Silva (2003), a maneira como o fenômeno literário incorpora em si as marcas de um determinado contexto sócio-cultural:

> [...] Em outras palavras, a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da ‘inspiração’ do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si marcas desse contexto. Estudando essas marcas dentro da literatura, podemos perceber como a sociedade na qual o texto foi produzido se estrutura, quais eram os seus valores. (p. 177)

Assim, através da obra literária podemos acrescentar, estudar e/ou analisar, as relações histórico-sociais, políticas e culturais de uma sociedade em uma determinada época e lugar. A partir desta totalidade, surge então a sociologia da literatura, cujos estudos partem do princípio da literatura ser um fenômeno que está ligado a um contexto maior, ou seja, a obra não pode existir por si só, a obra está de alguma forma, e em algum momento, ligada a um grupo, a uma sociedade, a uma cultura, e os expressam através de seus textos, de maneira tanto explicita, como implicitamente.

Para os críticos literários, os papéis externos e internos da sociedade adquirem importância como núcleo da obra literária quando problematizados e analisados na “intimidade das obras”, nesses termos, segundo Candido,

> [...] e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Luckács, se apenas possibilita a realização

> do valor estético); ou se além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Luckács, se é determinante do valor estético). (p. 06)

Para TADIÉ (1992), a sociologia da literatura busca o discernimento entre o autor e as suas ideias determinantes no espaço da obra, podemos caracterizá-las apenas num plano externo e estético, ou seja, a sociedade como ambiente de seu enredo, demonstrando apenas marcas sócio-culturais para compor sua narrativa; ou pode-se também apresentá-la num plano interno e ideológico, analisando os indícios e relações sociais que fixados em seu interior, tendo como principais fatores determinantes, a crítica e/ou o descontentamento no ambiente social, político e cultural.

Para Goldmann (1976, p.14), a sociedade sempre teve um papel de representação no romance, caracterizando suas peculiaridades,"[...] sendo o romance, durante toda a primeira parte da sua história, uma biografia e uma crônica social, sempre foi possível mostrar que a crônica social refletia, mais ou menos, a sociedade da época (...)".

Porém, apesar da literatura e sociedade estarem interligadas, isso não significa que a sociedade estará representada literalmente e/ou fielmente nesses contextos, Segundo Britto (2008), "Uma obra não traduz fielmente a sociedade que a comporta, isso talvez nenhuma narrativa o faça" (p.8), ou seja, o autor ao escrever, determinará o quão será importante a representação da sociedade vivenciada por ele, podendo então, escrever uma obra, que reproduza uma sociedade, que seja de acordo com seu enredo, com sua história e ideia, não necessariamente representado a sociedade que ele vive.

A relação entre autor, obra e sociedade interligam-se diretamente na obra, considerando principalmente o papel do autor e as relações entre sociedade e obra que serão motivadas pelos efeitos causados no público leitor, como ressalta Brito (2008), "(...) é necessário inquirir em que medida o contexto de certa sociedade e as tomadas de posição dos autores em relação a ele ressoam na obra ou no conjunto de textos de um determinado período." (p.8).A sociedade, representada pelo público leitor, absorve efeitos diversos como desenvolver seus conceitos e propagar seus valores a partir da leitura, ou seja, passam por um processo de aceitação, expansão e/ou ampliação e transmissão do conhecimento de vida e do mundo que o cerca, como também sofrem mudanças de concepções e/ou fortalecimentos de ideais e princípios, tais assimilações dependerão da forma como o fator ideológico, histórico e/ou social encontram-se representados pelo autor no interior da obra, de forma que o público leitor absorva essas ideias, para que possam aceitá-las ou criticá-las, de acordo suas visões de mundo.

Neste sentido, podemos afirmar que a função autoral é a peça fundamental na inter-relação social e literária, pois esta possui a capacidade de internalizar no campo ficcional, e a partir daí transmitir aos leitores uma visão ideológica de mundo e de valores, sejam eles de cunho social, político e/ou moral. Dessa forma, segundo, Candido (2000) o autor: "[...] utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas" (CANDIDO, 2000, p. 23).

Os críticos literários dão também grandes contribuições nas vertentes sociológicas, históricas e psicológicas, entre outras. O crítico por si só optará por um estudo mais aprofundado em determinada área de conhecimento, podendo basear-se pelos estudos dos elementos sociais, a contextualização de uma época ou a intensidade da carga psicológica. Dada essa relação de estudo social, histórico e psicológico, o crítico poderá discernir ideias, que possam afetar a essência da obra, como afirma Candido, "[...] é que a preocupação do estudioso com a integridade e a autonomia da obra exacerbe, além dos limites cabíveis, o senso da função interna dos elementos, em detrimento dos aspectos históricos – dimensão essencial para apreender o sentido do objeto estudado." (CANDIDO, 2000, p. 9)

Para evitar exageros demasiados, Candido propôs uma enumeração de modalidades no estudo da sociologia literária – Algumas modalidades de estudo no campo da sociologia literária, segundo ele, ressaltam o cuidado e a importância de proceder na leitura e análise de uma obra ao relacioná-la a fatores sociais e históricos, afim de que determinados procedimentos analíticos não deturpe, ou cause "prejuízos" à essência da obra. Nessa questão a representação histórico-social expressa na obra literária pode ser analisada através duma investigação consciente e contextualizada.

A respeito dessa relação entre literatura e sociedade, Tadié (1992), afirma que a sociedade existiu antes da obra, existe na obra, e existirá depois da obra, da seguinte forma: antes da obra pelo fato de condicionar o autor, e influenciar a produção, já que ele procura mostrar, problematizar e transformar a sociedade na qual vive, mesmo que de maneira involuntária. A sociedade existe na obra por que na obra podemos ver seu rastro e representação, não apenas como um simples plano de fundo a compor ou ilustrar um determinado cenário e/ou ambiente. E por fim, temos a sociedade depois da obra, uma vez que ela é destinada a um público que, ao lê-la, atribuirá um determinado conceito de valor e estimação de acordo com sua relevância histórico-cultural.

A importância da literatura para a sociedade e as relações e representações dessa, dar-se-á através de todas estas linearidades apresentadas, sendo pelo posicionamento do autor, este internalizando suas objeções através de uma obra; pelos críticos literários, esses fazendo

sua leitura pelo seu víeis social e crítico, dadas essas representações é nítido que a relação da sociedade para a literatura é imensurável em todos os seus gêneros, pelo fato de que todo ramo da literatura será dada por um autor condicionado à uma determinada sociedade e a representação desta será analisada levando em consideração as influências, intenções e ideias que o autor imprime e a interpretação feita pela e crítica e pelo público leitor.

3. A descoberta e colonização da Amazônia

3.1 Amazônia: das primeiras expedições ao ciclo da borracha.

O primeiro contato dos europeus com a Amazônia deu-se a partir de três grandes expedições marítimas na Amazônia, a primeira em 1541-2 comandada por Francisco Orellana, a segunda em 1639 comandada por Pedro Teixeira e a terceira em 1735 comandada por um grupo de estudiosos e/ou cientistas. Essas expedições, segundo Neide Gondim, na obra "*A invenção da Amazônia*" (2007)[3],deram-se ao longo dos séculos XVI e XVIII, e a partir de relatos desses cronistas-viajantes a Amazônia passou a ser revelada ao mundo europeu, despertando grande curiosidade e cobiça em relação a esse "novo mundo" que estava sendo "descoberto", ou "inventado", como nos termos de Gondim.

A primeira expedição, de acordo com Gondim (2007) foi comandada por Francisco de Orellana em 1541, partiu da Espanha, passou por Quito e foi descendo os rios Amazônicos, até deparassem com o rio que denominaram de Rio Negro. Trazia consigo como cronista-relator o padre dominicano Gaspar de Carvajal, que tornou-se "celebre" ao ter seus relatos conhecidos na Europa como o documento que revelava a Amazônia ao mundo europeu, uma espécie de "certidão de nascimento da Amazônia". A expedição de Orellana foi a que estabeleceu o primeiro contato do homem europeu com os rios, a flora e a diversificada população que já existia sob o imenso vale verde da Amazônia, segundo Gondim "O primeiro documento que se conhece sobre a penetração do europeu no maior rio da Amazônia, data de 1541-2 e foi regido pelo dominicano frei Gaspar de Carvajal, expedicionário às ordens de Francisco Orellana." (p.07-08).

A segunda expedição foi comandada por Pedro Teixeira em 1639, esse tivera dois cronistas-relatores, Alonso Rojas e Cristóbal Acunã, esses cronistas tiveram em seus relatos,

---

[3]A obra *A Invenção da Amazônia,* de autoria de Neide Gondim originou-se de sua tese de doutoramento e teve sua primeira edição publicada em 1984. Entretanto, as citações contidas neste trabalho são da 2ª. edição revisada, publicada em 2007 pela editora Valer.

uma visão mais científica do que tivera a primeira expedição, principalmente pelos relatos de Acunã, que descrevia importantes informações sobre as coordenadas geográficas, os nativos e seus costumes, segundo Gondim,

> [...] o relato de Acunã, pelas informações precisas que transmite, a acurada sensibilidade comercial que deixa transparecer nas sugestões de aproveitamento dos produtos regionais, a contemporaneidade de seus conhecimentos históricos, as estratégias considerações geopolíticas de penetração e posse da região e, sobretudo, a descrição impressionantemente detalhada da organização tribal, dos ritos fúnebres, guerras, armas, utensílios de pesca, religião, artesanato, festas, bebidas, alimentos etc., donativo do Novo Mundo, pode ser considerado como um dos primeiros esboços do que viria a ser ciência etnográfica no século XIX." (GONDIM, 2007, p.121)

As duas primeiras expedições deram-se início ao processo de "descobrimento da Amazônia", e o principal objetivo deles era encontrar e se apoderar das riquezas que este "novo mundo" poderia oferecer, principalmente alimentando a ideia de existir a cidade "encantada", toda feita de ouro, o chamado "El Dourado"[4]. Guiados pela ambição, navegaram rumo ao descobrimento desse "mundo maravilhoso", com expectativas lucrativa, sustentados pelo desejo de encontrar minas abundantes de ouro e prata.

Os relatores descreviam a exuberância e a grandiosidade da floresta, a diversidade de sua fauna e flora, sobretudo, a imensa densidade hidrográfica que tanto os impressionavam. Também relataram os contatos que mantiveram com algumas tribos que encontraram às margens dos rios amazônicos. Criticaram em seus relatos os costumes e hábitos do povo autóctone amazônico, por não explorarem a floresta e suas riquezas animais, vegetais e minerais, chegando a classificá-los como "uma raça preguiçosa e sem ambição", isso é percebido por La Condamine na terceira expedição que, segundo Gondim pode ser explicado pela abundância natural em que eles viviam pois, "A fartura de peixes, acredita, estimula a preguiça dos índios" (2007, p.142).

Os cronistas tinham como dever relatar os fatos e descrições concretas e reais porém, os seus olhares foram influenciados pelo pensamento mitológico grego-romano ao descreverem cenas que não faziam parte do território amazônico, como a famosa "tribo das Amazonas", um império composto apenas por mulheres guerreiras que lutavam em defesa de

---

[4]A lenda do Eldorado, que se fundava na crença de uma cidade repleta de ouro, cujo príncipe tinha também o corpo dourado, foi ouvida pelos primeiros conquistadores espanhóis que se fixaram, no século XV e XVI, nas costas da atual Colômbia e Venezuela, então chamada Terra firme ou Terra Santa. A busca do El Dourado, que levou os europeus ao Brasil, persistiu até meados do século XVIII. O Eldorado. In infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Consultado: 2013-10-14. Disponível na www: <URL: HTTP://www.infopedia.pt/$

seus territórios, eram fortes, altas e de pele alva, perfil este não condizente ao perfil das indígenas amazônicas. Segundo Neide Gondim, um império "compostos por mulheres brancas que só mantinham contato sexual com homens igualmente brancos" (GONDIM, 2007, p. 106).

Encantados pelas belezas e riquezas naturais daquele imenso ambiente, tais relatos mostravam-se impregnados de fascínio e deslumbramentos que, segundo Wille Bolle, "[...]ao tentarem descrever um mundo inteiramente desconhecido, projetaram, com razão muito maior, sobre os habitantes deste labirinto fluvial a mitologia das Amazonas."(BOLLE, 2010, p. 28).O fascínio dos cronistas diante desse "império das mulheres guerreiras" foi tão contundente que desse "encontro" originou-se o nome do grande rio da região, por eles batizado como Rio das Amazonas.

Esse "deslumbramento" do europeu diante do exotismo que a Amazônia representava, e ainda desperta aos olhos dos visitantes europeus, como se comprova na fala atualizada de Wille Bolle, justiça-se ainda hoje pois, segundo Gondim,

> [...] Os séculos podem variar e os cronistas serem originários das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicos, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial. Ainda que familiarizados com a região ou mantendo o tom frio e distanciado do pesquisador, esse objeto móvel, essa natureza grandiosamente avassaladora, em algum momento fez com que esses homens parassem e escutassem, e a sentissem, muitas vezes deixando para trás olhares já estruturados, visões já vividas, para pousarem os olhos renascidos na contemplação extasiada da grandiloqüência natural. (GODIM, 2007, p.07).

A terceira expedição originou-se na França, segundo Gondim (2007), tratava-se de uma expedição técnica, composta por representantes da Academia de Ciências de Paris. Partiu de La Rochelle no dia 16 de maio de 1735 tendo com destino ao Equador e à Lapônia, cujo objetivo era medir o arco do meridiano, determinar o comprimento do pêndulo que bate o segundo e verificar a atração do fio-a-prumo pela massa semi-esférica do Chimborazo (Peru), pois a medição desse espaço geográfico era de grande interesse à ciência naquela época, como afirma Gondim "eram assuntos amplamente discutidos, mas ainda calcados em hipóteses. Se as expedições lograssem o êxito esperado, a ciência receberia enorme contribuição, e seus efeitos beneficiariam a geografia, a astronomia, a física geral e a navegação." (2007, p.132).

Os relatos desse cronista deveriam conter total veracidade dos acontecimentos, pelo fato de tratar-se de uma expedição de cunho-científico e seus efeitos beneficiariam a

geografia, a astronomia, a física geral e a navegação, tais informações seriam enviadas ao rei da França, Luís XV.

Essa expedição foi dividida em duas partes: a primeira parte realizada no Peru, tivera total êxito e foi a que teve o primeiro contato com a borracha, que já era utilizada pelos índios Omágua. Esses índios, segundo o crítico, escritor e historiador Márcio Souza, não imaginavam a importância desse produto, "Os índios Omágua, que chamavam de "hevé" uma matéria flexível, fabricada pela coagulação do leite de uma árvore, não podiam imaginar o que aquela seiva iria causar a eles e ao mundo amazônico" (SOUZA, 2009, p. 237).

Depois do obtido êxito no primeiro momento da expedição, La Condamine resolve descer o "Rio das Amazonas, descrevendo a imensidão do "mar-doce" e dos desafios encontrados durante a viagem. Com a ajuda imprescindível dos índios, La Condamine pesquisou sobre a veracidade dos fatos relatados pelos cronistas anteriores, "Mas onde estariam os rios Jurubech de Fritz e o Iquari de Acunã? questiona o sábio francês." (GONDIM, 2007, p.147). A expedição de La Condamine tinha como objetivo verificar as medidas geográficas deixadas pelos cronistas das três expedições anteriores ,além, também, do interesse pela exploração do extrativismo mineral, animal e vegetal da nova terra descoberta.

Essas expedições foram responsáveis por introduzir o homem europeu na Amazônia, dando início assim, a sua colonização. Os que primeiro iniciaram esse processo, segundo Márcio Souza, na obra "*História da Amazônia*" (2009), foram os holandeses, os franceses, ingleses e irlandeses. Os conflitos e interesses povos e as nações indígenas foram grandes na luta pelo o domínio das novas terras descobertas, pois os povos indígenas eram hostis à presença dos invasores em seu hábitat.

De 1600 a 1700 os portugueses expulsaram os holandeses, franceses, ingleses e irlandeses que ainda estavam instalados no território amazônico, e empreenderam de forma definitiva o domínio colonizador sobre a região que hoje pertence ao Brasil. De acordo com Neide Gondim (2007), "Entre 1600 e 1630, os portugueses consolidaram o seu total domínio da boca do Rio Amazonas" (p.128). Estes também, os portugueses, vale lembrar, já haviam colonizado os Açores e a ilha da Madeira e a costa ocidental da África.

Nesse momento Portugal instala-se na Amazônia e inicia o processo de colonização/ ocupação a fim de garantir a soberania do território conquistado porém, um de seus maiores obstáculos naquela época era lidar com o povo indígena, começando pelo processo de transculturação e do aproveitamento da mão-de-obra pois, segundo Gondim:

> [...] Era o início do processo de caboquização dos índios, quando esses nativos foram retirados das mais diferentes culturas e modos de produção, e reunidos nas vilas e aldeias espalhadas de maneiras estratégicas, até finalmente surgirem como trabalhadores livres numa economia extrativa colonial. (2007, p.129)

No primeiro momento empreenderam o extrativismo vegetal, que compreendia em extrair da floresta especiarias como cacau e canela. Segundo Silva (2011), "concebida no imaginário europeu como uma região exuberante e misteriosa, berço de mitos e lendas, a região amazônica despertou a cobiça no mercado mundial, primeiramente, por seu potencial de "país das drogas do sertão" (SILVA, 2011, p. 15). Os índios foram uma das principais mãos-de-obra recrutada para esse processo exploratório com o qual se iniciava a colonização da região.

Não encontrando o "El Dourado","a cidade do ouro", os colonizadores portugueses começaram a extrair o látex da seringueira quando perceberam que a produção daquele leite extraído da árvore, finalizaria na confecção de vários utensílios. Esse processo deu-se lentamente, como nos afirma Márcio Souza:

> [...] os portugueses logo batizaram aquela árvore de seringueira. A borracha foi descoberta aos poucos como matéria-prima, numa lenta aceitação como produto comercial, tão lenta que ninguém podia prever a importância que iria adquirir na segunda metade do século XIX. (SOUZA, 2009, p.237-8).

La Condamine na sua expedição já havia avisado os europeus sobre o uso dessa matéria-prima pelos índios Omáguas, que usavam para a fabricação de bola elástica, segundo Souza:

> [...] Os índios já conheciam suas propriedades. O próprio Cristovão Colombo dá a notícia de sua existência, em uma segunda viagem à América, observando os habitantes do Haiti utilizarem o látex na fabricação de bolas miraculosas. Os cientistas ficaram intrigados com essas bolas, que supostamente desafiavam a lei da gravidade da terra. Em 1736, por uma deferência da Coroa Portuguesa, o sábio francês Charles Marie de La Condamine, visitando a América do Sul, remete um comunicado à Academia de Ciências de Paris, descrevendo rudimentarmente o processo de coleta e preparação de tais bolas e de outros objetos já correntemente usados pelos colonos portugueses, como bombas, seringas, garrafas e botas." (SOUZA, op. cit. p.238).

Então, os portugueses viram que esse processo poderia ser uma forma lucrativa, logo batizando a árvore de seringueira, daí derivando também os nomes dados ao lugar onde elas eram encontradas em abundância de "seringal", ao trabalhador a denominação de

“seringueiro” e ao dono do seringal, “seringalista”. Nesse momento, em meados do ano de 1870, inicia o ciclo da borracha na Amazônia, uma época muito rica, que desencadeou a economia desse lugar, mas precisamente, representada pelo enriquecimento dos seringalistas.

3.2 O ciclo da borracha na Amazônia: a “*belle époque*”

O ciclo da borracha compreendeu-se pela a extração do látex, cujas árvores, as seringueiras, eram encontradas em abundância na floresta Amazônica. Os seringueiros, responsáveis pela extração do látex, segundo Souza, em sua maioria eram imigrantes nordestinos que vieram para a Amazônia fugindo da terrível seca que assolava o sertão nordestino, e buscavam encontrar no norte do país, melhores condições de trabalho e sobrevivência.

> [...] Entre 1877 e 1879, o Nordeste brasileiro sofre uma das piores secas de sua História. Somente do Ceará, mais de 65.000 pessoas partem para a Amazônia, acossados pelo flagelo natural e pela crise da economia agrária. Esse contingente humano vai servir de mão-de-obra nos seringais, avançando a fronteira do extrativismo. Em pouco tempo, a maioria desses cearenses entra pelo rio Purus, ocupando zonas ricas de seringais. (SOUZA, 2009, p.247).

Com o árduo trabalho desses seringueiros, os seringalistas usufruíam do lucro proveniente desse produto de grande valor naquela época, e então instalaram-se em Manaus e Belém, os principais centros econômicos e comerciais da região, com o intuito de desfrutarem do luxo e requinte proporcionado pela extração e exportação do látex amazônico. Segundo Márcio Souza:

> [...] Os coronéis da borracha, enriquecidos na aventura, resolveram romper a órbita cerrada dos costumes coloniais, a atmosfera de isolamento e tentaram transplantar os ingredientes políticos e culturais da velha Europa, matrona próspera, vivendo numa época de fastígio e menopausa. O clima do Far-West seria visível nas capitais amazônicas subitamente emergidas das estradas de seringas. Contra as fronteiras e os perigos de um tradicionalismo aristocratizante, típico de fazendeiros, os coronéis, sobretudo os coronéis de Manaus, experimentaram a tentação do internacionalismo e da irresponsabilidade burguesa da *belle époque*.” (SOUZA, 2009, p.262)

A "*Belle époque*" amazonense transformou Manaus[5] numérica cidade instalada no "meio da selva amazônica", distante de tudo o que poderia ser chamado de central e moderno no Brasil colonial e que, com a valorização da borracha e os lucros provenientes de sua extração, os barões da borracha cobriram Manaus de ostentação e luxo, como afirma Márcio Souza:

> [...] Manaus foi a única cidade brasileira a mergulhar de corpo e alma na franca camaradagem dispendiosa da belle époque. Os coronéis de seus palacetes, com um pé na cidade e outro no distante barracão central, pareciam dispostos a recriar todas as delícias, mesmo a peso de ouro. A boa vida estava escudada por um conveniente hipocrisia vitoriana, que era de bom-tom, moderna e muito propícia a quem fora educado na rígida sociedade patriarcal portuguesa. De um certo ângulo, pareciam perder a definição nacional e aspiravam ao estatuto de cidadãos do mundo. O internacionalismo do lucro burguês e da ganância imperialista seduzia os broncos extrativistas." (SOUZA, p.162).

Era o contraste de riqueza do Ciclo da Borracha, um período de "glamour" e luxo aos ricos seringalistas que viviam com suas famílias numa verdadeira ostentação, em oposição à pobreza e à miséria na qual viviam os seringueiros marginalizados e esquecidos nos centros da floresta, os principais contribuintes, pela sua mão-de-obra. Segundo Silva (2011), "Foi um período de riqueza abundante para os "coronéis da borracha", representantes da opulenta elite manauara, que importavam aos trópicos a alta cultura europeia, dos charutos e uísques à lingerie das madames (SILVA, 2011, p. 16).

Márcio Souza, na obra "*História da Amazônia*", o ciclo da borracha na Amazônia representou o segundo período de colonização da Amazônia. A inserção dos nordestinos nos seringais Amazônicos davam-se através das casas de aviamento sediadas em Belém e Manaus, os seringueiros eram enviados aos seringais em busca de riquezas e ascensão social, pois esse era o discurso que soava no momento do "recrutamento" destes, que passavam por situações difíceis com a forte seca que castigava algumas regiões do Brasil.

Na obra "*História de todo mundo, Um olhar sobre a história regional*" (2004), Emmanuel Gomes da Silva afirma que: "A migração que ocasionou o povoamento da região, em finais do século XIX, originou-se de contingentes de nordestinos que fugiam da seca, e, atraídos pela abundância de oportunidade de trabalho, dirigiam-se às casas de recrutamento de mão-de-obra para os seringais." (SILVA, 2002, p.49). Esses nordestinos ao virem à Amazônia

[5]A cidade de Manaus originou-se da colônia criada em torno do Forte São José do Rio Negro, fundado em 1669, sendo renomeada em 1832 com o nome de Manaus, termo que na língua indígena da tribo dos Manaós, antigos habitantes do lugar, significa "mãe dos deuses" (BOLLE, 2010).

mesmo em condições precárias, já tinham uma dívida com as casas de aviamento e essa dívida só tendia a aumentar. Segundo Euclides da Cunha:

> No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35$000), e o dinheiro que recebeu para preparara-se (150$000). Depois vem a importância do transporte numa *gaiola* qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150$000. (CUNHA, 1999, p.13).

O contato desses seringueiros que vinham de outra região para trabalharem nos seringais foi impactante, e desencadeou nos escritores duas visões da imensa floresta na qual eles estavam imersos. O autor Mário Ypiranga Monteiro na obra "*Fatos da Literatura Amazonense*" (1998), relata sobre duas diferentes visões opostas ao representarem/relatarem a floresta amazônica, sendo uma "edênica e a outra "infernal".

A visão e representação literária contrária a fase "edênica", ou seja, a "infernal", é iniciada pelo escritor Alberto Rangel no seu livro de contos intitulado *Inferno Verde*,que caracteriza a relação de adaptação dos seringueiros "brabos"[6]com as dificuldades e "perigos" oferecidos pela floresta, o livro é formado por onze contos nos quais o narrador conduz o leitor por vários cenários amazônicos, apresentando-lhes aspectos da vida na floresta. De acordo com Mário Ypiranga Monteiro, Alberto Rangel ao escrever sobre a Amazônia na obra *Inferno Verde*, foi fielmente influenciado por Euclides da Cunha, autor do livro "*Os Sertões*", pois ambos são autores que enfatizam em suas obras a representação da natureza como objeto.

Também Euclides da Cunha, José Maria Ferreira de Castro, Álvaro Botelho Maia entre outros, ao se referirem ao ciclo da borracha, descreveram na ficção a região Amazônica como um verdadeiro "Inferno Verde", como podemos citar em Mário Ypiranga Monteiro:

> [...] afasta do edênico para inaugurar o episódio infernismo. É uma atmosfera impregnada de desconfiança, de hostilidade ao trabalhador, de escassez de vizinhança, de obliteração do ajuri ou putirum como forma de ajuda coletiva (solidariedade comunal), que aos poucos mas decididamente modifica a face à inefável despreocupação do homem. (MONTEIRO, 1998, p.134)

Nos estudos que faz sobre as "*Ficções do Ciclo da borracha*", Lucilene Gomes Lima (2009), aborda a influência desse ciclo para a literatura amazonense, "Através dessas obras, o "ciclo da borracha" e, mais especificamente, o mundo do seringal, desfilou na ficção,

---

[6]"brabo" era o termo usado para os seringueiros principiantes que, ainda não tinham manuseio nos seringais. "Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o *brabo* canhestro..." (CUNHA, 1999, p.13)

tornando-se um tema comezinho abordado na literatura amazonense.” (LIMA, 2009, p.62). Ela cita obras como “A Selva” (1930), de autoria do autor português José Maria Ferreira de Castro e “Coronel de barro” (1970), de Cláudio Araújo Lima. Nessas obras, entre outras, apresenta-se o funcionamento do seringal e o processo econômico iniciado pelo recrutamento dos seringueiros e pela sua vivência miserável e sofrida nos seringais.

Outro agravante na vida dos seringueiros, e mostrados na ficção, é a relação com os indígenas, os quais eram tidos como uma grande ameaça contra a vida dos seringueiros, por serem ferozes e não terem piedade com aqueles que se impetravam seu território. Ainda segundo Lucilene,

> [...] A relação inamistosa do seringueiro com os índios que habitavam as grandes extensões de terras dos seringais é também um tópico quase sempre abordado nas obras do ciclo. Via de regra o indígena aparece como um ser sanguinário, ameaça ao trabalho do seringueiro, pavor que faz o dia-a-dia nas estradas de corte de seringa um perigo constante. (LIMA, p.69)

É valido ainda ressaltar outro ponto relevante destacado na ficção amazonense dessa época: a ausência da figura feminina nos seringais, pelo fato do recrutamento ser apenas de seringueiros que, no interior dos seringais não tinham a oportunidade de se relacionarem com mulheres, pela falta destas, no entanto, eles submetiam-se a atos impróprios aos olhos da sociedade, para saciarem-se seus desejos e instintos sexuais. Como afirma Lucilene:

> A escassez da mulher no seringal possibilita aos ficcionistas enfoques em permutas, violências sexuais contra mulheres de idade avançadas ou meninas impúberes e ainda violência contra os companheiros de mulheres que são atacados e mortos por outros seringueiros desejosos de as possuírem. A ausência da mulher possibilita enfocar a prática do bestilismo, através do qual o seringueiro procura satisfazer o instinto sexual com fêmeas animais, entre elas a fêmea boto e a égua. (LIMA, p.89)

Apesar de todos os problemas impetrados pelo ciclo de exploração da borracha, que foi o momento de alta da economia do país na época, não permaneceu por muito tempo, e isso desencadeou o interesse de outros países europeus em competirem no mercado, sendo assim, o ciclo teve sua primeira queda ocasionada pelo “golpe” da retirada da borracha da Amazônia para o processo de experimento e plantação na Ásia. Segundo Márcio Souza,

> [...] numa operação de contrabando à qual a lenda empresta lances de ação de espionagem, o aventureiro inglês Henry Alexander Wickham conseguiu uma partida de setenta mil sementes de seringueira e enviou-as para Londres. Plantadas experimentalmente em Kew Garden, as mudas foram

> transferidas, mais tarde, para o sudeste da Àsia, região da faixa equatorial e com clima semelhante ao amazônico. As mudas cresceram, transformaram-se em seringais ordenados como um bosque europeu e começaram a produzir. (SOUZA, 2009, p.301)

Logo, esse processo de industrialização asiático, trouxe ao mercado internacional um novo aspecto na comercialização da borracha, pelo fato principalmente do seu preço baixo, influenciando imediatamente a interrupção do comércio amazônico com os demais países consumistas, pois eram derivados inúmeros produtos utilitários dessa matéria-prima, segundo Márcio Souza:

> [...] Mc Intosch descobre a impermeabilização. Goodyear, em 1844, cria o sistema de vulcanização. As fábricas americanas e européias abriam suas linhas de produtos: bolas, cintos, espartilhos, suspensórios, ligas, molas para portas, capas impermeáveis, tapetes, cadeiras, sacos para água quente, salva-vidas. Uma indústria de miudezas cosméticas para rápido consumo. Depois, pneumáticos para os veículos. (2009, p.256).

Este acontecimento ocasionou uma queda brusca na exportação da produção brasileira, ocasionando a decadência desse ciclo glorioso de riquezas na Amazônia. Esse é um dos pontos principais abordados por Hatoum em sua obra: o efeito do período pós-ciclo da borracha na sociedade sócio-econômica e cultural das duas principais capitais comerciais, de acordo com Joanna da Silva (2011), em sua Dissertação de Mestrado, na qual analisa os romances do autor:

> Milton Hatoum vai enfocar, em seu romance ficcional, justamente o período pós-guerra, as décadas de 1950 e 1960, quando as estruturas econômicas, que antes pareciam consolidadas, sofrem um terrível abalo com a derrocada econômica na região. Pois é sobre a ruína e o desmoronamento econômico e social que o autor se debruça para construir seu romance, como se resume na sinópse de apresentação da obra *Dois irmãos* (2000), que também pode ser aplicada aos demais romances hatounianos. Em todos eles, "o lugar da família se estende ao espaço de Manaus, o porto à margem do rio Negro: a cidade e o rio, metáforas das ruínas e da passagem do tempo, acompanham o andamento do drama familiar"[7](*DI*, 2000, s.p.) (SILVA, 2011, p. 18).

Manaus e Belém, principais centros econômicos da região, são fortemente afetados pela derrocada do final do ciclo da borracha, principalmente Manaus que, de "Paris dos Trópicos" transformou-se numa cidade decadente, uma "Cidade Flutuante", ponto este que também será o foco principal de nossa análise no romance hatouniano.

---

[7][Texto de orelha]. In: *Dois irmãos* (8ª reimpressão/2004).

4. O autor e sua obra

Milton Hatoum é filho de pai árabe e mãe amazonense de origem libanesa. Nasceu em Manaus em 1952 onde viveu sua infância e parte da adolescência. Em Manaus ele cresceu convivendo com as pessoas do lugar, ouvindo histórias que depois serviriam de mote para suas narrativas.

Em 1967, aos 15 anos de idade, mudou-se para Brasília onde prosseguiu com seus estudos. Na década de 1970, foi para São Paulo, onde formou-se em arquitetura pela FAU-USP, mas não fez grandes projetos na área. Segundo a professora e pesquisadora Marleine Paula M. e Ferreira de Toledo, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, doutora em Letras: "Hatoum, arquiteto de formação, nasceu para *arquitetar* romances"(Toledo, 2008, s/p).Ainda segundo Toledo, o estilo autoral hatouniano é sinestesicamente envolvente em relação as cores, os sons, os sabores e os cheiros amazônicos.

Também na USP fez Mestrado em Letras e Doutorou-se em Teoria Literária. Em 1980 viajou para Madri como bolsista, morou em Paris e cursou pós-graduação em literatura. Retornou a Manaus em 1984, onde lecionou língua e literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas até o ano de 1998, época em que já estava escrevendo seu primeiro romance, *Relato de um Certo Oriente*.

Romancista, ensaísta, tradutor e professor universitário, publicou sua primeira obra, *Relato de um Certo Oriente*, em 1989, obtendo ótima acolhida pela crítica. Em 1990 recebeu o prêmio Jabuti de melhor romance. No ano de 2000 publicou o romance *Dois Irmãos*, também ganhador do prêmio Jabuti de melhor romance, seguido de *Cinzas do Norte*, publicado em 2005, e *Órfãos do Eldorado*, publicados em 2008, ambos muito bem recebidos pelo público e pela crítica e ganhadores de diversos prêmios literários.

Hatoum é um dos mais prestigiados autores da contemporaneidade, suas obras já foram traduzidas e editadas em vários países. Contextualizadas na cidade de Manaus, cercada pela floresta e pelos rios, suas narrativas tem como principal característica o retorno ao passado, o drama familiar, tudo isso contextualizado entre as décadas de 50 e 1960, uma época de decadência e derrocada para a região, ocasionada pelo fim do ciclo econômico da borracha.

Na narrativa hatouniana a cidade de Manaus torna-se cenário do período pós-econômico do ciclo gomífero, que também coincidiu com os anos da guerra e pós-guerra, uma época de declínio e penúria para os comerciantes que eram obrigados a fecharem as portas de

seus comércios, alguns até retornaram a terra natal. Também os trabalhadores dos seringais migravam para Manaus em busca de refúgio e sobrevivência, causando sua expansão demográfica desorganizada, época e cenário que Hatoum procurou enfatizar por meio da literatura:

> Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoroço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação. (*DI*[8], p.120).

A obra *Dois Irmãos*, objeto de estudo desse trabalho, tem como enredo principal a história de uma família de imigrantes libaneses que vieram para Manaus a fim de atuar na área do comércio durante o auge dos ciclos da borracha. Um dos pontos relevantes no romance são os conflitos familiares, que tem ao centro a rivalidade e o ódio dos dois irmãos gêmeos Yaqub e Omar, mote também para o próprio titulo da obra, *Dois Irmãos*. Filhos do casal de libaneses, Halim e Zana, que também possuem mais uma filha, Rânia, esta, no decorrer da narrativa, apresenta-se marginalizada pelo amor e afeto da mãe ser totalmente direcionado aos irmãos, principalmente "ao caçula" Omar.

A história da família libanesa é relatada pelo narrador/observador Nael, filho da empregada Domingas, índia órfã que foi adotada por Zana em um convento de Manaus. Nael, o "filho da empregada", qualificação que detestava por se sentir marginalizado por aquela família, era também supostamente filho de um dos gêmeos, motivo o que o leva a revirar seu passado em busca da identidade paterna.

A partir desse enredo, o romance hatouniano tem como plano de fundo a cidade de Manaus, cercada pelos rios cujos peixes alimentavam aquela família; pela floresta, sempre presente com sua sombra acolhedora, o pomar regional, cujos frutos eram levados à mesa para servirem de alimento: o guaraná e os biscoitos de castanha que eram servidos aos convidados; as flores "perfumosas" do jardim regional, o cheiro que exalava das roupas dos gêmeos quando saiam à rua, pois levavam "o mesmo aroma de essências do Pará borrifado na roupa" (*DI*, p. 25).

A obra *Dois Irmãos*, além de contextualizar-se no período decadente do pós-ciclo da borracha, as décadas de 1950-1960, também contrasta-se com a época do regime militar do pós-guerra, que ganha certo destaque no decorrer da obra através do personagem Antenor

---

[8]Doravante o romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, será referenciado através das siglas *DI*, seguido da página.

Laval, um professor de francês que apresenta ideias contrárias ao autoritarismo do regime, conseqüentemente sendo punido pelos seus atos.

Em meio aos conflitos familiares, sociais e militares, a cidade em sua decadência e precariedade, é minuciosamente descrita pelo autor, sua cultura, a arquitetura suntuosa dos prédios do centro da cidade, o porto, a estrutura e demografia de seus arredores. É neste ambiente que os personagens elencam uma Manaus decadente e sem perspectiva em que a glamorosa Manaus da "*belle époque*" transformara-se numa "Cidade Flutuante" e decadente.

5. O pós-ciclo da borracha e a decadência de Manaus na obra *Dois irmãos*.

Publicada no ano de 2000, o romance, *Dois irmãos*[9], narra a história de uma família de libaneses que vem para Manaus na década de 1914 para atuarem no comércio. Halim, marido de Zana é um comerciante que iniciou sua profissão como "mascate": "Ás seis da manhã já estava vendendo seus badulaques nas ruas e praças de Manaus, nas estações e mesmo dentro dos bondes; só parava de mascatear por volta das oito horas da noite [...]" (*DI*, p.49).

Zana é filha do também comerciante Galib, dono do restaurante Biblos, inaugurado por volta de 1914. Órfã de mãe, ajudava o pai no restaurante, cuja clientela era formada por fregueses de diferentes classes sociais e oriundos dos mais diversos lugares:

> [...] mascateiros, comandantes de embarcação, regatões, trabalhadores do Manaus Harbour[10]. Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos [...] Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam de tudo: um naufrágio, a febre negra num povoado do rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas [...] a esperança de que os caloteiros saldassem as dívidas (*DI*, p. 47-48).

É no restaurante do pai que Zana conhece Halim, ele costumava sair para pescar e trazia peixes para abastecer o restaurante de Galib. Ao longo do romance Halim e Zana casam-se na igreja Nossa Senhora dos Remédios, repleta de convidados: "diante do altar de Nossa Senhora do Líbano, com a presença das maronitas e católicas de Manaus [...] Uma mistura de gente, de línguas, de origens, trajes e aparências" (*DI*, p. 53).

---

[9]Neste trabalho citaremos a 8ª. reimpressão, publicada em 2000, pela editora Companhia das Letras.

[10]Manaus Habour era um dos principais porto de carga e descarga da cidade na época, construído em 1902 pela empresa Manáos Harbour Limited & Rodoway.

Após a morte de Galib, que tanto choro e sofrimento causou em Zana, esta sugeriu a Halim que a abrissem uma loja de utilidades na rua dos Barés:

> [...] Halim havia melhorado de vida nos anos pós-guerra. Vendia de tudo um pouco aos moradores do Educando, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindo dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro. Desse tumulto participava Halim, que vendia coisas antes de qualquer um. Vendia sem prosperar muito, mas atento à ameaça de decadência, que um dia ele garantiu ser um abismo. (*DI*, 2000, p.41).

Nael é o narrador-testemunha do romance que por meio de recortes das histórias contadas por Halim, seu suposto avô, e Domingas, sua mãe, relata a história familiar e descreve minuciosamente a sociedade manauara pós-ciclo da borracha, demonstrando a situação decadente da cidade sob os efeitos do fim do glorioso e rico ciclo econômico que tanta riqueza trouxera para a região. O enfraquecimento do comércio é apresentado primeiramente por Halim, ao confessar a Nael, tentando se justificar como o esposo apaixonado que era: "Por Deus, nunca pude levar a sério o comércio [...] Não tinha tempo nem cabeça para isso. Sei que fui displicente nos negócios, mas é que exagerava nas coisas do amor" (*DI*, p. 65).

Halim, diferente de muitos estrangeiros que vieram em busca de riqueza, não tinha ambição por dinheiro; "Como poderia enriquecer? Nunca poupou um vintém, esbanjava na comida, nos presentes para Zana, nas vontades dos filhos" (*DI*, p. 56).

Através dos inúmeros passeios pela cidade e seus arredores, em meio às histórias relatadas a ele, Nael descreve vários lugares da cidade e sua arquitetura, como praças, mercados, igrejas, portos, ruas e avenidas, fazendo assim, o leitor "passear" pela história de Manaus citando recortes da estrutura da cidade nos primórdios do século XX, como podemos observar nesta citação:

> [...] Yakub olhava os passantes que subiam a rua na direção da praça dos Remédios. [...] Que noites, que nada! Ele desprezava, altivo em sua solidão, os bailes carnavalescos, ainda mais animados nos anos do pós-guerra, com os corsos e suas colombianas que saíam da praça da Saudade e desciam a avenida numa frenesi louco até o Mercado Municipal. [...] na calçada do Café do Mocambo, ele (Omar) fazia loas a Diana, a deusa de bronze, beleza esbelta da praça das Acácias. [...] Um dia, Abbas viu o amigo na loja Rouaix, perto do Restaurante Avenida, no centro de Manaus. (...) Abbas se antecipou a madame Rouaix, cutucou o amigo, saíram da loja e foram ao Café Polar, perto do Teatro Amazonas. [...] Galib convidou alguns amigos

> do porto do Catraia, das escadarias dos Remédios, pescadores e peixeiros que abasteciam o Biblos, e também compadres dos lagos da ilha do Careiro e do Paraná do Cambixe. (DI, p. 22, 32, 36, 48, 53).

Como podemos observar, são ricas as citações dos lugares da cidade no romance, onde os personagens transitam diariamente, segundo o autor, esses lugares existiram realmente, alguns deixaram de existir com o passar do tempo, mas muitas ruas, avenidas e monumentos históricos, ainda permanecem até os dias de hoje, como o autor afirma, na entrevista concedida a MAGMA revista:

> No *Dois Irmãos* eu tentei fazer de Manaus uma personagem, quis dar um sentido histórico e mesmo político à narrativa. Muita coisa sobre Manaus realmente existiu ou ainda existe. Os leitores mais jovens pensavam que era tudo invenção, aí se deram conta de que alguns lugares mencionados no romance foram totalmente destruídos nas três últimas décadas. (HATOUM, 1998, p. 63-4).

O autor afirma a relevância da representação da cidade de Manaus em sua obra, categorizando-a como uma personagem, descrevendo suas marcas histórico-sociais e políticas, ainda afirma que seu "porto de partida e chegada é Manaus, porque quase tudo o que escrevi e estou escrevendo está ancorado nesse porto." (HATOUM, 1998, p.67). Esse porto na qual o autor se refere é o porto Manaus Harbour, um dos maiores e principais portos de Manaus, dali saia e vinha mercadorias de diversos lugares, porto de grande confluência de trabalhadores que faziam do trabalho de carga e descarga, uma forma de sobrevivência, "na Capitania dos Portos e nos armazéns do Manaus Harbour, molhou a mão de empregados e estivadores [...] Não no porto, mas no armazém onde a muamba era empilhada e depois desviada para um destino incerto." (DI, p.139). É evidente que a relação social e histórica do autor em sua obra pauta-se em manifestações, intenções e recortes de suas vivências pessoais na sociedade manauara.

A decadência da cidade de Manaus, com a queda do ciclo econômico da borracha, é apresentada na obra através dos resquícios do período auge, como foi observável principalmente por meio das grandes arquiteturas, sendo assim, Manaus tivera dois grandes momentos ou "fases", o período glorioso e o decadente, esses períodos tiveram grandes efeitos apresentados principalmente no âmbito familiar da família libanesa, afetando sua estrutura sócio-econômica.

Os seringueiros foram os principais protagonistas do Ciclo da Borracha e das duas fases da cidade de Manaus, pois enquanto eles trabalhavam arduamente nos seringais para a

retirada do látex e logo, a comercialização desse, os seringalistas desfrutavam dos benefícios dos seus esforços e esbanjavam dinheiro na capital antes denominada “Paris dos Trópicos”.

> [Manaus] crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. (*DI*, p.41).

Assim a cidade de Manaus vai sendo apresentada no decorrer da obra, a formação sócio-econômica com seus agravantes. Sendo mostrada primeiramente a infra-estrutura construída pelos seringueiros refugiados dos seringais, chegando a Manaus e instalando-se de maneira desorganizada à beira dos rios e igarapés, morando em palafitas, “Era impossível perscrutar todos os lugares: os milhares de palafitas às margens dos igarapés, a Cidade Flutuante, as balsas na baía, as vilas vizinhas, os barcos, os lagos, furos e rios.” (*DI*, p.146).

Com o crescimento desorganizado da cidade surgiram, conseqüentemente, os problemas sociais de uma população sem expectativas de vida, que vivia à mercê da penúria e miséria:

> Os bairros que se expandiam àquela época, cercando o centro de Manaus. Via um outro mundo naqueles recantos a cidade que não vemos, ou não queremos ver. Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisaram tudo para sobreviver, alguns vegetando, feito cachorrada esquálida que rondava os pilares das palafitas. (*DI*, p.80-1).

A nova organização da sociedade manauara, com seus problemas infra-estruturais e sócio-econômico, era composta agora pelos ex-seringueiros que antes viviam na precariedade dos seringais, agora protagonizavam a precariedade da Cidade Flutuante de maneira miserável e degradante:

> Ouvia a difamação quando se entretia com amigos do Bar do Encalhe, um boteco na carcaça de um barco estropiado, lá na baixada dos Educandos, então povoados por ex-seringueiros, quase todos paupérrimos. [...] Sentados na escadaria da igreja, índios e migrantes do interior do Amazonas esmolavam. [...] Na calçada da rua dos Barés dormiam famílias do interior. (*DI*, p.152, 240-1)

Podemos perceber ao longo desse contraste, rico e pobre de Manaus, a inter-relação dos fatores sociais da época que estão impregnados na obra, tendo em vista que, o autor é contemporâneo, mas resgata em sua narrativa, a história do período decadente de Manaus,

Segundo Hatoum "quando você trabalha com a leitura crítica do texto, você esmiúça mais, procura relações simbólicas e sociais, tenta descobrir as estratégias da narrativa, situar a obra no tempo do autor, etc." MAGMA revista, HATOUM, 1998, p.60).

Dois Irmãos, além de contextualizar Manaus num período pós-ciclo da borracha e seu momento decadente, também relaciona a obra com a Segunda Guerra Mundial, e mostra quais foram as "contribuições" desta, para essa sociedade, "[...] o pai lamentou a penúria em Manaus, a penúria e a fome durante os anos da guerra" (*DI*, p.14).

A guerra fora outra agravante na cidade, que mesmo se estabelecendo tão longe dos conflitos, amargava a degradação, a fome da sociedade, o enredo dessa narrativa está mesclado dentro desses dois grandes acontecimentos, o período pós-ciclo da borracha e a Segunda Guerra Mundial, ambos simultaneamente causados por uma pobreza em demasia. "Conversavam em volta da mesa sobre isso: os anos da guerra, os acampamentos miseráveis nos subúrbios de Manaus, onde se amontoavam ex-seringueiros." (*DI*, p.23).

Além de ser nomeada como a "Cidade Flutuante", Manaus também era denominada como a "cidade sem luz", pois era constante a falta de energia elétrica que a cidade sofria durante o período de guerra, e também a falta de alimentação, e a supervalorização dos alimentos que ali chegavam, tornando-se outra "guerra" entre os moradores, para comprarem alguns mantimentos:

> [...] no batente das janelas, tocos de velas iluminaram as noites da cidade sem luz. Fora assim durante os anos de guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia, e um ovo valia ouro. Zana e Domingas acordavam de madrugada, a empregada esperava o carvoeiro, a patroa ia ao Mercado Aldopho Lisboa e depois as duas passavam a ferro, preparavam a massa do pão, cozinhavam. Quando tinha sorte, Halim comprava carne enlatada e farinha de trigo que os aviões norte-americanos traziam para a Amazônia. Às vezes, trocava víveres por tecido encalhado: morim ou algodão esgarçado, renda encardida, essas coisas. (*DI*, p. 22-3).

Esses alimentos eram providos principalmente da América do Norte, por isso nessa época, a cidade estava escassa de mantimentos, pois eles eram um dos principais fornecedores, e com a guerra, o fornecimento foi afetado. Como podemos observar nessa citação, "Mateiro na época de guerra, quando navios e aviões norte-americanos navegavam por águas e céus do Amazonas. Tempos de poderosos cargueiros e hidroaviões. Traziam tudo, levavam borracha para a América." (*DI*, p.166).

O momento pós-guerra é seguido da “Ditadura Militar”, também se faz presente no romance, são os anos 1960. A onda repreensiva do regime autoritarista que se alastrava pelo país também chega a Manaus fazendo suas vítimas. O professor de francês Antenor Laval declarou-se contra o Regime Militar implantado no Brasil, e na cidade de Manaus. Ele repugnava esse tipo de política, ciente de que, quem contrariava as novas leis do regime militar, poderia ser repreendido, mesmo assim, “[...] ria dos políticos da província, espicaçava-os durante os intervalos, mas recusava-se a falar sobre o assunto no meio da aula. Dizia: ‘Política é conversa de recreio. Aqui na sala, o tema é muito mais elevado.” (*DI*, p.190),

É nítida a posição do professor Antenor Laval contra o regime militar, o qual ele ironiza dizendo que a política é “risória”, uma “brincadeira”, embora que essa sua posição contrária diante deste regime podia causar-lhe sérios problemas. Evitava comentar sobre o assunto e suas ideias dentro da sala de aula, mas lá fora não escondia sua militância contrária. Por esse motivo, Laval foi mais uma das tantas vítimas que não escaparam das punições cruéis praticadas pelos militares durante o período da Ditadura Militar:

> O professor de francês não voltou mais ao liceu, até que numa manhã de abril nós presenciamos sua prisão.
> [...] Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofetadocomo se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e as seriemas fugiram. A vaia e os protestos de estudantes e professores do liceu não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do Exército, e logo depois as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Antenor Laval estava morto. (*DI*, p.189-190).

Qualquer pessoa que manifestasse alguma opinião contrária ao regime militar também sofreria as punições. Manaus passava por uma época de miséria e de repressão política, onde o cenário dessa cidade era de medo e de problemas sociais,

> O pai reclamava que a cidade estava inundada, que havia correria e confusão no centro, que a Cidade Flutuante estava cercada por militares.
> “Eles estão por toda parte”, disse, abraçando o filho. “Até nas árvores dos terrenos baldios a gente vê uma penca de soldados...” [...] Ela(Rânia) estava assustada com o movimento de tropas na área portuária[...] Manaus se tornara uma cidade ocupada. As escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da Marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações de rádios

> transmitiam comunicados do Comando Militar do Amazonas. Rânia teve que fechar a loja porque a greve dos portuários terminara num confronto com a polícia do Exército. (*DI*, p.198).

Manaus sofria um turbulento momento de crise, vários agravantes contribuíam para a decadência da cidade. O forte regime militar ocasionou várias prisões de esquerdistas. A cidade estava cercada de militares que remetiam medo à população, e qualquer manifestação contrária, era repreendida por forças brutais, e qualquer relação com essas pessoas, também era uma forma de punição, foi o que ocorrera com Omar, devido sua amizade com o então professor, "Então ela [Rania] soube que o irmão passara uns dias encarcerado no Comando Militar, e eu que intuí que a amizade com Laval era uma forma de condenação política." (*DI*, p.260).

Contextualizando a narrativa no período histórico-social pela qual Manaus passara desde o fim do primeiro e segundo Ciclo da Borracha, obra *Dois Irmãos* finaliza-se apresentando todos os efeitos que esses acontecimentos causaram na cidade, principalmente no comércio, primeiro representado por Halim e, depois de sua morte, pela Filha Rânia, que "[...] andava preocupada com o péssimo movimento de janeiro; o comércio estava quase parado, e a greve dos portuários afastava a clientela dos arredores do porto da Escadaria" (*DI*, p.186).

Conseqüentemente, a crise agrava-se cada vez mais, muitos comerciantes vão à falência, e Rânia, na tentativa de salvar o comércio, e fonte de sustento da família, se vê obrigada a sair às ruas "carregando uma caixa e vendendo de porta em porta[...] (*DI*, p.187), como outrora fizera o pai, nos tempos de "mascate".

A estrutura física da família libanesa, que antes parecia sólida, agora também acompanhava o declínio econômico conquistado na "bélle epoque". O período de decadência, a derrocada, não atinge somente o comércio da família libanesa, também toda a estrutura familiar estava em ruínas, como podemos perceber na péssima situação em que se encontrava sua moradia:

> Não se azucrinava com as goteiras nem com os morcegos que, aninhados no forro, sob as telhas quebradas, faziam voos rasantes nas muitas noites sem luz [...] Zana, que na juventude aproveitara os resquícios desse passado, agora se irritava com a geladeira a querosene, com o fogareiro, com o jipe mais velho de Manaus, que circulava aos sacolejos e fumegava. (*DI*,p.128).

A rivalidade dos irmãos gêmeos também contribuiu para a decadência dessa família, pois os seus atos ocasionavam vários dramas de ódio, disputa e descontentamento por parte

dos outros membros da família, sendo Omar um dos gêmeos que mais contribuía com esse cenário por meio de suas aventuras amorosas. Mas, foi Yaqub quem teve principal colaboração para o declínio da família, pois num ato de vingança contra o irmão, praticou uma verdadeira traição na família, que ocasionou a perda do imóvel desses para um empresário indiano,

> O sonho de Zana, desfeito: ver os filhos juntos, numa harmonia impossível. Ela relembrava o seu plano, minucioso e sagaz. 'Meus filhos iam abrir uma construtora, o Caçula ia ter uma ocupação, um trabalho, eu tinha certeza...' Chamava minha mãe para perto dela, dizia: "O Omar perdeu a cabeça, foi traído pelo irmão. Sei de tudo, Domingas... Yaqub se reuniu com aquele indiano, fez tudo escondido, ignorou o meu Caçula, estragou tudo..." [...] "Ele (Yaqub) traiu minha mãe, calculou tudo e nos enganou. [...] A loucura da paixão de Omar, suas atitudes desmesuradas contra tudo e todos neste mundo não foram menos danosas do que os projetos de Yaqub: o perigo e a sordidez de sua ambição calculada. (*DI*, p.236-7, 261, 263-4).

O autor encerra o romance mostrando os efeitos da decadência da cidade de Manaus no âmbito sócio-econômico dos comerciantes libaneses, sendo que estes tiveram que mudar-se do centro comercial de Manaus para a área proletária que estava crescendo na cidade: "A casa foi se esvaziando e em pouco tempo envelhecendo. Rânia comprara um bangalô num dos bairros construídos nas áreas desmatadas ao norte de Manaus." (*DI*, p. 247). Esse é um momento crucial na vida principalmente de Rânia e Zana, que dali para frente iriam enfrentar uma nova realidade e que, daquele lugar só levariam as lembranças de um passado rico,

> Poucos dias depois, um caminhão estacionou em frente da casa e os carregadores fizeram a mudança para o bangalô de Rânia. Zana passou a chave na porta do quarto, e do balcão ela viu a lona verde que cobria os móveis de sua intimidade. Viu o altar e a santa de suas noites devotas, e viu todos os objetos de sua vida, antes e depois do casamento com Halim. Nada restou na cozinha nem na sala. Quando ela desceu, a casa parecia um abismo. Caminhou pela sala vazia e pendurou a fotografia de Galib na parede marcada pela forma do altar, nas paredes nuas, manchas claras assinalavam as coisas ausentes. (*DI*, p. 252).

Era a derrocada da cidade de Manaus e da família de Zana, que mesmo enfrentando as crises financeiras tinha ainda que lidar com os conflitos familiares, protagonizados principalmente pelo gêmeo "caçula" Omar, esse se encontrava sumido durante essas mudanças na família, causando assim outra difícil tarefa à Rânia, que era sua busca,

> Naquela tarde de abril já chuviscava quando Rânia o avistou na praça das Acácias. Ficou paralisada. Estava magro, meio amarelão, barba de uma semana, o cabelo crespo com jeito de juba. Os braços cheios de arranhões, a testa avolumada por calombos. Os olhos fundos e acesos davam a impressão de ser à deriva, mesmo sem ter perdido totalmente a vontade ou a força de recuperar uma coisa perdida. (*DI*, p.259).

Esse foi o reflexo de decadência que o autor impregnar em sua obra, através da sociedade manauara e da família libanesa, por último sendo citadas suas condições financeiras e seus dramas familiares, apresentando Omar como a cidade de Manaus, totalmente decadente. O autor arquitetou uma obra focada num drama familiar, mas internalizou um importante contexto histórico-social que viveu a região amazônica, mais precisamente a cidade de Manaus, soube relacionar esses elementos histórico-sociais com a história de uma família que oscilou financeiramente e "emocionalmente" junto com os problemas que a sociedade manauara vivia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início, foi feita neste trabalho uma pesquisa bibliográfica em teorias sobre literatura e sociedade, para demonstrarmos a relação dos elementos sociais presentes na narrativa e, em seguida, uma contextualização histórica do descobrimento da Amazônia à queda do primeiro período do ciclo da borracha, a fim de relacionarmos na obra os elementos histórico-sociais e desenvolver o objetivo principal do trabalho.

Deste modo, o objetivo do presente artigo foi de apresentar os elementos histórico-sociaisda sociedade manauara do século XIX apresentada na narrativa, principalmente a influência do período pós-ciclo da borracha sobre esta, assim relacionando períodos que oscilaram entre riqueza e pobreza, modernidade e decadência, ou seja, Manaus de "*bélle epoque*" e a "Cidade Flutuante".

Foi percebível que a sociedade manauara formou-se a partir desse rico ciclo econômico, transformando-se numa cidade luxuosa, customizada por traços das cidades européias, sendo assim, primeiramente foi habitada por uma classe burguesa vivendo numa verdadeira ostentação e de riquezas providas do apogeu do ciclo. Em outro momento, foi apresentada uma nova formação da sociedade manauara, uma sociedade que com o declínio do ciclo, transfigurou-se num cenário de penúria e decadência, ponto norteador presente na análise do trabalho.

Outro ponto levantado foi a importância e contribuição dos seringueiros para o ciclo da borracha e para a formação da sociedade manauara, pois com seu árduo trabalho foi o principal contribuinte do funcionamento do seringal e conseqüentemente da riqueza dos seringalistas, que estes, por sua vez, transformaram Manaus na "Paris dos Trópicos". Os ex-seringueiros também participaram da decadência e desestruturação de Manaus, pois quando o ciclo sofreu sua queda, eles saíram dos seringais e foram para Manaus em busca de melhores condições de vida, assim Manaus recebeu a migração em massa dos ex-seringueiros pobres e desempregados, desenfreando uma desordenada infra-estrutura e formando a "Cidade Flutuante".

Esta é uma obra que abre víeis para outras possíveis análises, como a relação de ódio e rivalidade dos dois irmãos, Yaqub e Omar, também outro ponto importante a ser analisado é a busca de identidade paterna empreendida pelo narrador-personagem Nael, mas que chega ao final do romance sem uma revelação que possa desvendar tal mistério.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLLE, Willi. **A travessia pioneira da Amazônia**. In *Amazônia:* região universal e teatro do mundo. Org. WilliBolle, Edna Castro, Marcel Vejmelka. São Paulo: Globo, 2010, p 19-56.

BORGES, Kátia Aparecida de Paula. **DOIS IRMÃOS DE MILTOM HATOUM: UM OLHAR QUE VEM DO NORTE.** Brasília, 2010.

BRITO, Clovis Carvalho; SANTOS, Robson dos. Percorrendo veredas: Literatura brasileira e sociedade. In: BRITO, C. C.; SANTOS, R. (Org.). **Escrita e Sociedade: estudos de sociologia da literatura**. Goiânia; Ed. Da UCG, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática. 7ª Ed. Ver. São Paulo: Moderna, 2009.

GODIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2.ª edição. Manaus: Editora Valer, 2007.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos** / Milton Hatoum. – São Paulo : Companhia das Letras, 2000.

MAGMA Revista/ Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo. – n.1 (1994). São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP,1994-. Anual Descrição baseada em: n.5 (1998).

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. /Arthur Cezar Reis 2ª. Ed. Ver. Manaus: Editora da Univ. do Amazonas/Governo do Estado do Amazonas, 1977.

SILVA, Emmanuel Gomes. **História de Todo Mundo (Um Olhar Sobre a História "Regional")** – 3ª Ed. Primmor Gráfica e Editora Ltda.

SILVA, Joanna. **Relações de gênero no romance de Milton Hatoum**. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de São João Del Rei, Minas Gerais em 2011.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs) **Teoria Literária**: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia.** / Márcio Souza. – Manaus: Editora Valer, 2009.
TADIÉ, Jean-Yves. **A crítica literária no século XX**. Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. **Hatoum e a arquitetura da memória**. Entrevista concedida à revista Fronteiras em 07/06/2008. Disponível em www.fronteirasdopensamento.com.br. Acesso em junho de 2009.